

* Hezbollah, Radicalismos e Ocidente



Se o Líbano é um país o Hezbollah é o Estado. E é-o na medida em que é protegido por uma população seguidora e fielmente cega. Tal como relembra [Henrique Raposo](#), um Atlântico, [Hanna Arendt](#) usou uma metáfora muito bem conseguida para explicar o totalitarismo, metáfora essa que se aplica na perfeição ao Hezbollah. Se a ditadura se assemelha mais a uma pirâmide onde o poder está no topo controlando a massa cá em baixo (por isso é que o topo é tão estreito) o totalitarismo é uma cebola onde o poder está no centro coberto por uma leque de capas organizacionais que partilham da mesma visão ideológica, e neste sentido cooperantes e disponíveis. Disponíveis é o termo certo, uma vez que a sociedade civil está pronta a dar a vida por uma causa que tomou por sua.

Uma das maiores causas do Hezbollah é o anti-semitismo, mas esta psicologia deve-se apenas às questões Israelo-Árabes? O Hezbollah apresentando-se como um movimento organizado e com programa claro assemelha-se, em muito, aos movimentos radicais europeus do início do século XX, o fascismo, o nazismo e o comunismo leninista. Este anti-semitismo é um revivalismo nazi, certos que a Alemanha Nazi constituiu uma fonte de inspiração para o mundo árabe numa época de emergentes fundamentalismos e ideologias fortes. Por outro lado, o líder espiritual do Hezbollah, [Mohammad Hosein Fadlallah](#), falou em constituírem-se alianças com as organizações esquerdistas, influenciado que se encontra pelas ideologias de [Karl Marx](#) e [Nietzsche](#).

Esta convergência com os radicalismos europeus, em especial com a esquerda revitalizada, encontra a sua convergência no ódio à sociedade capitalista ocidental (sem a qual na verdade não são capazes de viver pois é ela que lhes proporciona o espaço e os instrumentos de repulsa) e na crença infantil e fetichista de que os EUA e o Ocidente ostracizam o resto do mundo – west and the rest. Esta paixão ardente anti americana e anti-globalizante só é possível no seio da globalização e das Democracias Liberais, onde cada qual pode escolher o seu modelo de vida. A esquerda radicalista substituiu a defesa do proletariado por outra utopia: a defesa das culturas minoritárias e dos imigrantes vitimados.

No fundo o culpado é sempre o mesmo: o Ocidente. Pelos visto retira-se toda a autodeterminação aos povos “subjugados”.

Ocorre-me que esta paixão islâmica pelos movimentos radicais pode explicar a escolha do dia 11 de Setembro para o ataque aos EUA por **Osama Bin Laden**, uma vez que 11 de Setembro foi a data em que o movimento nazi de **Hitler** tomou o Reichstag e o queimou. Uma queda simbólica que pode explicar o intento de criar uma nova ordem. As Torres Gémeas eram símbolo da sociedade ocidental capitalizada e de um regime – Democracia Liberal – que a Al Qaeda quer ver derrubado, o mesmo se passou com o incêndio do Reichstag que por sua vez é uma cópia simbólica do incêndio de Roma.

Certo é que, tal como os movimentos radicais europeus, o islamismo fundamentalista terá o seu tempo e acabará, não sem antes representar mais uma página negra na História Universal.

Outro problema que tem de ser resolvido refere-se aos movimentos alternativos crescentes no seio da Europa. Por exemplo: 81% dos ingleses muçulmanos consideram-se a si mesmos como pertencentes a fé islâmica e não britânicos, e 40% desta comunidade deseja ver a sharia implantada. Isto representa mais de 800 mil pessoas a viver à parte dos cidadãos ingleses. Tal como em França, estes movimentos alternativos e crescentes representam um perigo para a sociedade. Gente interessada em ter os mesmos direitos no que toca à Segurança Social mas que quer leis próprias e uma civilização pessoal em guetos. Enquanto não se aceitar isto como um perigo estaremos a deixar crescer a tensão de novos radicalismos.